



SOCIEDADE NUMISMÁTICA BRASILEIRA



ISSN 2675-0155

Semestral - Vol. XXVI, N°2, 2022

Dezembro 2022



SOCIEDADE NUMISMÁTICA BRASILEIRA

Fundada em 1924

DIRETORIA BIÊNIO 2021/2022

Gilberto Fernando Tenor	Presidente
Bruno Henrique Miniuchi Pellizzari	Vice-Presidente
Ismael Toledo Júnior	Diretor Financeiro
Hélio César Xavier	Diretor Administrativo
Paulo Cesar Fim	Diretor Técnico
Marcelo Augusto Tibúrcio	Diretor Curador
Oswaldo Martins Rodrigues Júnior	Diretor Social e de Divulgação

Oswaldo M. Rodrigues Jr.	Editor
Bruno Henrique Miniuchi Pellizzari	Coordenador administrativo
Edil Gomes	Coordenador de diagramação e gráfica
Ana Regina Nóbrega	Gerente Administrativa

Comissão Editorial

- Adriene Baron Tacla** - Núcleo de Estudos de Representações e de Imagens da Antiguidade (NEREIDA) / Instituto de História da Universidade Federal Fluminense
- Camilla Ferreira Paulino da Silva** - LIMES - Fronteiras interdisciplinares da Antiguidade e suas Representações - UFES / SEDU - Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo
- Caroline Oliva Neiva** - Historiadora - Laboratório de História Antiga UFRJ
- Claudio Umpierre Carlan** - Historiador - Universidade Federal de Alfnas
- Gisele Oliveira Ayres Barbosa** - Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro /UNIRIO e Instituto Histórico e Geográfico de Vassouras
- João Goulart de Souza Gomes** - Numismata, historiador – UFBA
- Lilian de Angelo Laky** - Departamento do História - Universidade de São Paulo
- Marcela Marchi** - Museóloga - Museu Eugênio Teixeira Leal
- Maria Celeste Fachin** - Arqueóloga - Departamento de História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da UNESP, câmpus de Franca
- Paula de Jesus Moura Aranha** - Historiadora - Numismata - Museu Histórico Nacional / Ibram
- Telma Cristina Soares Ceolin** - AAMV - Associação Amigos do Museu de Valores
- Vagner Carvalheiro Porto** - Arqueologia - Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo
- Yuri Victorino Inácio da Silva** - Historiador, arquivista, pesquisador e numismata - Sociedade Gaúcha de Numismática

Comissão Editorial Internacional

- Adolfo Ruiz Calleja** - Espanha - Universidad de Valladolid / Blog Numismático
- Álvaro R. Cordón** - Guatemala - Punto de Encuentro Numismático de Guatemala
- Andrés Cortázar** - Colômbia - Fundación Numismáticos Colombianos -NUMISCOL
- Bernardo Alfredo Oliva Muñoz** - Chile - Asociación Cultural Numismática de Arica
- Carlos Iza** - Equador - Academia Nacional de Historia del Ecuador
- Cesar Corrales** - Peru - Peruvian Banknotes - Instituto de Investigaciones Numismáticas del Perú
- Daniel Oropeza Alba** - Bolívia
- Eduard D' Argent** - Peru - Instituto de Investigaciones Numismáticas del Perú
- Glenn Stephen Murray Fantom** - Espanha - Amigos de la Casa da Moeda de Segovia
- Luis Roberto Ponte** - Venezuela - Sociedad Numismática Venezolana - SONUVE
- Raúl Tapia Bascopé** - Bolívia - Sociedad Numismática Boliviana
- Ricardo León Tallavas** - México - Sociedad Numismática de México
- Richard Cacchione** - Peru - Sociedade Numismatica del Perú
- Robert Mastalir Divisek** - Equador - ANECU - Asociación Numismática Ecuatoriana

O teor dos artigos publicadas na Revista Numismática Brasileira é de inteira responsabilidade de seus autores. Os artigos enviadas para publicação, deverão ser de caráter numismático, observadas as normas no final deste volume. Permite-se a reprodução de partes dos textos mediante referência bibliográfica da fonte.

A ABERTURA DE CUNHO EM MOEDAS DE COBRE BRASILEIRAS E OS ERROS DECORRENTES

The coin die making and the resulting errors in brazilian's copper coins.

Mauro Mesquita

07

AS MOEDAS DE COBRE FALSAS INTRODUZIDAS DURANTE O REINADO DE D. SEBASTIÃO I

Copper counterfeit currency introduced during the reign of D. Sebastião I.

Mauro Mesquita

31

EXPRESSÕES NUMISMÁTICAS DE USO DIÁRIO QUE VIAJARAM PELO TEMPO

Numismatic colloquial expressions for Brazilian Money

Carlos Eduardo Martins da Silva

69

CRUZEIRO: UMA UNIDADE MONETÁRIA, VÁRIOS PAIS

Cruzeiro: one currency, many parents

Leonardo Rodrigues Tupinambá

73

RUI BARBOSA E A NUMISMÁTICA: A EFÍGIE DO REPUBLICANO NO DINHEIRO DA REPÚBLICA

Rui Barbosa and numismatics: the Republican's effigy in the República's money

Lucas Hendricus Andrade Van den Boomen*

86

SPINTRIAE, AS FICHAS ERÓTICAS DA ROMA ANTIGA

Spintriae: Ancient Roma's erotic tokens

Pedro Damián Cano Borrego

98

AS CAETRAE E A CONQUISTA DO NOROESTE DA PENÍNSULA IBÉRICA

The caetrae and the conquest of northwestern Iberia

Diego Machado, Bruno Dias

105

AO MESTRE, COM CARINHO: UMA HOMENAGEM AO BALSEMÃO

To sir, with love: a homage to Balsemão

Luiz Augusto de Noronha Mendes

121



D. Manoel I, moeda “O Português”, equivalente a 10 Cruzados. Imagem gentilmente cedida e por cortesia de Heritage Auctions, HA.com.



SOCIEDADE NUMISMÁTICA BRASILEIRA

Rua 24 de maio, 247 - 2º andar - São Paulo - SP

Tel.(11) 3222.3534 e 3333-7004

e-mail:snb@snb.org.br

MISSÃO

Atender aos anseios dos associados, na promoção da numismática no Brasil, com ética, responsabilidade e dentro dos preceitos estatutários.

VISÃO

Ser o principal referencial da cultura numismática no Brasil

VALORES

A SNB valoriza:

- A - Satisfação dos associados;**
- B - Ética nos seus atos e relacionamentos;**
- C - Competência profissional;**
- D - Integração entre associações;**
- E - Respeito a todas as “Partes interessadas”.**

AS CAETRAE E A CONQUISTA DO NOROESTE DA PENÍNSULA IBÉRICA

The caetrae and the conquest of northwestern Iberia

Diego Machado*, Bruno Dias**

RESUMO

As *caetrae*, como hoje são chamadas, são moedas de bronze que foram cunhadas nos finais do século I a.C., cuja classificação sempre apresentou significativas complicações e longos debates. Seria apenas na segunda metade do século XX que se encontraria algum consenso sobre essas cunhagens. Apresentamos, nesse trabalho, uma proposta de leitura da iconografia dessas moedas que diverge, em grande medida, das análises anteriormente realizadas. Com base nos avanços historiográficos e arqueográficos, sobretudo nas últimas três décadas, acreditamos ser possível deslocar a interpretação dessa documentação, que sempre foi vista sob uma ótica imperialista, para uma perspectiva social e de integração dos povos do noroeste ibérico com o Império romano.

Palavras-chave: Guerras Cantábricas; Cultura Castreja; Romanização; Monetização.

ABSTRACT

The *caetrae*, as they are called today, are bronze coins that were minted in the late 1st century BC, whose classification has always presented considerable complications and long debates. It would only be in the second half of the 20th century that some consensus on these mints would be found. We present, in this work, a proposal for the study of the iconography of these coins that diverges, to a great extent, from the analyses previously carried out. Based on historiographic and archaeological advances, especially in the last three decades, we believe it is possible to relocate the interpretation of this documentation, which was always seen from an imperialist perspective, to a social and integrative approach of the populations of the Northwest Iberian Peninsula with the Roman Empire.

Keywords: Cantabrian Wars; Castros Culture; Romanization; Monetization.

¹Doutorando em Arqueologia na Universidade do Minho; bolsiro FCT 2020.06565.BD; Investigador do Laboratório de Paisagens, Património e Território/Lab2PT; e-mail: diegosfmachado@gmail.com.

²Mestrando em Arqueologia na Universidade do Minho; e-mail: brunofilipediasarq@gmail.com.

As primeiras coleções de moedas romanas surgiram a partir da ambição de abastados intelectuais que, ao longo do período moderno e os primeiros séculos da contemporaneidade, adquiriram dezenas de milhares de moedas republicanas e imperiais, através, ora de espoliações deliberadas de contextos tanto urbanos como rurais do Império Romano, ora de escavações no âmbito de uma atividade arqueológica ainda bastante incipiente, mas que, efetivamente, fomentaram um intenso mercado de objetos da Antiguidade e abasteceram os gabinetes de antiquários por todo o continente europeu e fora dele. Mais tarde, esses artefactos vieram a compor as coleções de grande parte dos museus nacionais, que foram implantados nas principais cidades de potências modernas.

O interesse iluminista pelas grandes sociedades da Antiguidade levaram a tentativas de sistematização dos objetos recolhidos, a partir dos finais do século XIX, através de critérios bastante variados, como cronológico, artístico, cultural ou material. Dessa iniciativa surgem os primeiros catálogos de artefactos antigos, como o *Corpus Inscriptionum Latinarum*, de Theodor Mommsen (1863-)¹, sobre as epígrafes, o *Corpus Vasorum Antiquarum*, de Edmond Pottier (1922-)², acerca das peças vítreas, ou o *De Vasculis Romanorum Rubris*, de Hans Dragendorff (1894)³, com as cerâmicas *sigillatae*. No que toca às moedas romanas, material que igualmente conhece catálogos nesse período, destacamos o *Description Generale des Monnaies De La Republique Romaine, Communement Appelees Medailles Consulaires*, de Henry Cohen (1857)⁴, e *Coins of the Roman Republic in the British Museum*, de Herbert Grueber (1910)⁵.

A partir dos trabalhos desses intelectuais e de seus catálogos, foram estruturadas as bases de parte considerável de estudos associados às emergentes ciências, como a História e Arqueologia, e, a que nos interessa aqui em particular, a Numismática.

¹Mommsen, T. *et al.* (1853 – presente) **Corpus inscriptionum latinarum** (atualizado pela Berlin-Brandenburgische Akademie der Wissenschaften).

²Pottier, E. *et al.* (1922 – presente) **Corpus Vasorum Antiquorum** (atualizado pela Union Académique Internationale).

³Dragendorff, J. (1894) **De Vasculis Romanorum Rubris capita selecta**.

⁴Cohen, H. (1857) **Description générale de monnaies de la République romaine Communement Appelees Medailles Consulaires**, Paris.

⁵Grueber, H. (1910). **Coins of the Roman Republic in the British Museum**, Londres, Cornell University Library's print.

As diferentes interpretações das *caetrae*

As *caetrae*, como hoje são chamadas, são moedas de bronze que foram cunhadas nos finais do século I a.C., cuja classificação sempre apresentou significativas complicações e longos debates. Trata-se, em suma, de sestércios, dupôndios, *ases* e, eventualmente, *semis*, com diâmetros e pesos algo variáveis, mas enquadráveis em cunhagens que seguem a metrologia romana. Essas emissões apresentam, no anverso, um busto de *Augustus* voltado à esquerda, ladeado por um *caduceus* e uma palma, assim como a inscrição IMP AVG DIVI F. Já no reverso, temos a representação de um elemento tendencialmente redondo, formado por circunferências, por vezes não completas, estabelecidas em torno a um mesmo ponto central, conferindo a essa imagem formas bastante instigantes (Figura 1) (Villaronga, 1970; Ferrer Sierra, 1996; Núñez Meneses, 2014).

No que toca às variações dentro dessa série, os aversos são divididos em dois tipos: os de busto esbelto, presentes nos sestércios e dupôndios, enquanto os *ases* podem ser do mesmo tipo ou em sua variante tosca, ou bárbara. Por sua vez, o reverso apresenta três variações. Os sestércios, ainda que apenas três foram identificados até o momento, apresentam, ao redor do motivo central caracterizador das emissões, uns elementos circulares pequenos. Nos dupôndios, temos duas lanças sobre o motivo central e duas espadas de diferentes tamanhos nos lados. Já entre os *ases*, aqueles em cujo anverso temos o busto esbelto de Augusto, o reverso apresenta apenas a *caetra*, enquanto os objetos em que se afigura o busto bárbaro, esse símbolo apresenta duas linhas circulares concêntricas com motivos radiados entre elas (Figura 1) (Villaronga, 1979; Sagredo San Eustaquio, 1992; Centeno, 2010).

As poucas informações que essas emissões possuem resultaram em interpretações bastante diversas sobre a sua produção. A análise do anverso revela a sua cronologia, em época augustana, certamente nos primeiros anos. A fórmula IMP AVG DIVI F permite-nos estabelecer a época de cunhagem com posterioridade ao ano 27 a.C., quando *Octaviano* recebeu o título de *Augustus*, e não muito depois de 23 a.C., quando o imperador recebeu o título de *tribunicia potestas*, não tardando a ser referido em suas cunhagens (Santos Yanguas, 2003).

Desde o século XVIII, investigadores têm refletido sobre essas cunhagens. Florez (1757) atribui à imagem do reverso um motivo de labirinto,



Figura 1. As cunhagens de caetrae: a) As, busto esbelto (@MDDS); b) As, busto bárbaro (@Manuel Gago); c) Dupondius (@El Progreso); d) Sestertius (@MDDS).

relacionando essas emissões a *Carthago noua*, enquanto Borrell (1845) vê a mesma representação, mas atribui a cunhagem a Cnossos, Creta. Já Du Mersan (1845) e Delgado (1876) acreditam se tratar de uma produção saguntina, tendo estabelecido como motivo o reverso do numerário ser uma representação do circo romano de Sagunto.

Por outro lado, outros investigadores investiram suas interpretações a partir da análise do anverso das moedas, o que lhes levou a propor um paralelo com emissões de *Caesaraugusta* ou *Augusta Emerita*, especialmente às cunhagens de *Publius Carisio*, *legatus* de *Augustus* na *Lusitania*. Essa associação entre as cunhagens e os legados da época na *Hispania* levaram ainda a atribuição dessas emissões a *Gaius Antistius Vetus* ou *Gaius Furnius*, que foram *legati* de *Augustus* na *Hispania Citerior* e participaram nas Guerras Cantábricas, ou ainda a *Lucius Sestius Quirinalis Albinianus*, *legatus* na província *Transduriana* nos anos finais do mesmo conflito (Villaronga, 1970; Caamaño Gesto, 1979; Paz Bernardo, 2002; Cavada Nieto e Villanueva Acuña, 2001; Cavada Nieto, 2004).

Seria apenas na segunda metade do século XX que se encontraria algum consenso sobre essas cunhagens. Com efeito, o avanço das metodologias de registo na Arqueologia, por um lado, e a ampliação das intervenções arqueológicas nas capitais conventuais romanas e em povoados da Idade do Ferro do noroeste peninsular, já com métodos científicos, por

O longo processo de conquista da *Hispania* e as especificidades do noroeste

O primeiro contacto direto entre Roma e a Península Ibérica remonta aos finais do século III antes da nossa era, no âmbito da Segunda Guerra Púnica. Ao longo desse conflito contra Cartago, os romanos conseguiram, paulatinamente, ampliar a sua presença ao longo da costa mediterrânica, na área levantina, e no curso dos principais rios que permitiam a sua infiltração no interior da península, dos quais se destacam os rios *Iberus* e *Baetis*, atualmente designados, respetivamente, por Ebro e Guadalquivir. Ao fim desse conflito contra os púnicos, Roma dividiu a parte conquistada da Península Ibérica em duas províncias, a *Hispania Citerior*, a nordeste e sudeste, e a *Ulterior*, a sul (Richardson, 1986).

Ao longo do século II antes da era comum, diversos conflitos com as populações indígenas peninsulares foram travados, seja por tentativas de insurreição contra a dominação romana, seja pela expansão dos territórios ocupados por Roma na *Hispania*, o que a colocava em confronto com as tribos lusitanas, a sudoeste, e os iberos, celtiberos, vetões, váceos e carpetanos, no centro norte peninsular. Após um século marcado por intensas batalhas, enquadradas na Guerra Lusitana e nas três Guerras Celtibéricas, o sucesso militar romano permitiu a anexação de vastos territórios, que foram incorporados à *Citerior* e à *Ulterior* (Sutherland, 1971; Silva, 2013).

A conquista romana da Península Ibérica foi, portanto, um processo lento e gradual, cuja presença foi iniciada com o estabelecimento de províncias que se limitavam à costa mediterrânica, e a expansão deu-se, paulatinamente, em direção aos territórios do centro, norte e oeste peninsular, ao longo de um século de conflitos.

Por sua vez, os contactos entre os romanos e os habitantes do noroeste foram pontuais e a anexação desse território só ocorreu ao fim das Guerras Cantábricas, nos finais do século I antes da nossa era, em época augustana. Ainda nos finais do século II a.C., *Decimus Iunius Brutus* (DPRR, IUNI1565⁶), entre 138-136, realizou uma incursão militar até ao rio *Lethes*, atualmente rio Lima, no norte de Portugal. Já na centúria seguinte, *Publius Licinius Crassus* (DPRR, LIC1780), cônsul em 97, procônsul da *Hispania Ulterior* entre 96-93 e pai do triúmviro, invadiu algumas regiões do noroeste no âmbito de uma série de conflitos pontuais com algumas tribos lusitanas, cuja vi-

⁶DPRR – Digital Prosopography of the Roman Republic: <https://romanrepublic.ac.uk/>

tória conferiu-lhe um triunfo em 93. Duas décadas depois, em 74, durante a Guerra Sertoriana, *Marcus Perpena Veiento* (DPRR, PERP1986), filho de *Marcus Perpena*, cônsul em 92, capturou a cidade de *Cales*, localizada na *Gallaecia*, atual cidade do Porto, na foz do rio Douro. Já *Gaius Iulius Caesar* (DPRR, IULI1957), *dictator perpertuus* em 44, realizou um grande assalto a *Brigantium*, na costa galega, no extremo noroeste da península.

Contudo, foi apenas nos finais do século I a.C. que o noroeste foi anexado ao Império romano. Entre os anos 29 e 19, as tropas augustanas submeteram definitivamente as tribos galaicas bracarenses e lucenses e os ástures ao controlo romano. Nesse momento, a *Hispania* recebeu uma nova divisão administrativa, concretizada através da implantação de três províncias: a *Baetica*, a sul, a *Lusitania*, a sudoeste, e a *Tarraconensis*, a norte e a este, na qual foram integrados os territórios do noroeste. A integração dos novos territórios ao Império foi realizada através da sua divisão em *conventus* administrativos e a implantação de suas capitais, *Bracara Augusta*, *Lucus Augusti* e *Asturica Augusta*, servindo como polo apaziguador e integrador das populações e possibilitando o contacto com o resto do Império e com Roma através da sua inserção em grandes rotas de comunicação e intercâmbio que cruzavam, por via terrestre e fluvial, toda a península, assim como a consolidação do transporte marítimo pelo oceano Atlântico, ao longo do período júlio-cláudio (Carreras Monfort e Morais, 2012; Dopico Caínzos, 2016).

A presença romana no noroeste peninsular, embora pontual e recorrentemente associada a conflitos bélicos com as populações que ali habitavam, fez-se sentir desde, pelo menos, o século II. Esse contacto, apesar de indireto, no mais das vezes, certamente esteve associado às transformações realizadas no seio dos povoados indígenas ao longo da Idade do Ferro Final, que levou à conformação de um povoamento altamente hierarquizado no qual os grandes centros urbanos amuralhados, por vezes com quatro linhas defensivas, constituindo-se verdadeiros *oppida*, a exemplo das Citânias de Briteiros, Sanfins e Santa Luzia, no norte de Portugal, e do Castro de San Cibrao de Las, na Galiza (Cruz, 2015).

Trata-se de grandes povoados, cujas dimensões ultrapassam os dez hectares, fortemente defendido com robustas muralhas em pedra e um sistema urbano bastante desenvolvido, em cujos eixos principais foram detetados pavimentos em granito. Esses lugares centrais do povoamento dos finais

do primeiro milénio a.C. estavam implantados em pontos estratégicos do território, que lhes permitiam controlar visualmente grandes áreas e, em especial, os vales dos principais rios que recortam a região, onde estavam implantados povoados menores, que apresentam um investimento construtivo significativamente menor, e estavam certamente associados à exploração de recursos naturais da região, como a agricultura, pesca, mineração ou pastorícia (Martins, 1990; González Ruibal, 2006-07).

Ao longo dos três últimos séculos a.C., período em que a Península Ibérica, paulatinamente, vai sendo conquistada por Roma, vemos a afirmação de elementos culturais e identitários bastante significativos nos povoados do norte de Portugal e da Galiza. Dentre esses traços definidores desses povos, genericamente englobados no termo Cultura Castreja, assinalamos a prática de colocar estátuas de guerreiros no cimo das muralhas, elementos cujos detalhes a nível dos escudos, vestimenta, arma e adereços são deveras significativos, mas também a construção de balneários com câmaras aquecidas cuja entrada era realizada através de um elemento ricamente decorado, em alguns casos, as Pedras Formosas. Dentre os exemplares até ao momento identificados, aquele proveniente de um dos balneários da Citânia de Briteiros é paradigmático pela profusão de gravuras, mas igualmente apreciáveis são as Pedras Formosas da Citânia de Sanfins e do Castro das Eiras, cujas decorações recorrem a trançados e triskeles (Figura 3) (Calo Lourido, 1994; González Ruibal, 2012).

Para além da presença desses elementos num tipo de arquitetura que presumimos pública, os mesmos podem ser identificados também em espaços de cariz doméstico. Essa agregação de traços distintos, que define notavelmente os povoados do noroeste peninsular, apresentam um conjunto de motivos cordados ora em alto, ora em baixo relevo, com diversas composições geométricas, aplicados em elementos arquitetónicos como as ombreiras de portas, rodapés e pavimentos. Subentende-se, a partir de sua exclusividade e complexidade, assim como do significativo empenho económico para a elaboração dos mesmos, tendo-se em vista que o suporte, o granito, é uma rocha de difícil talhe, que estes componentes decorativos fossem elementos de exceção, detidos por um grupo socialmente destacado dentro da hierarquia intra e interpovoados (González Ruibal, 2004).

Embora existam poucos elementos catalogados, tendo sido grande parte dos mesmos encontrados em escavações ainda no século XIX, como aquelas

realizadas por Francisco Martins Sarmiento, sobre as quais carecem muitos dos contextos onde foram recuperados, as mesmas encontravam-se em zonas habitacionais em povoados como a Citânia de Briteiros, Alto do Castelo, Castro do Sabroso, Castro das Eiras. Trata-se de recursos decorativos da entrada das unidades domésticas, as quais modificam alguns elementos estruturais como ombreiras, rodapés e lintéis (Figura 3) (Lemos, 2009).

Já no Castro Máximo, um povoado localizado próximo ao lugar onde foi implantada a cidade de *Bracara Augusta*, cujo estudo dos materiais permitiram a constatação de seu abandono aquando da anexação da região por Roma, nos finais do século I a.C., foi identificado durante os trabalhos arqueológicos realizados em 2001 um pavimento em terra batida ricamente decorado com motivos cordados e circulares, formando padrões distintos e algo heterogêneos (Figura 3) (Rocha, 2017).

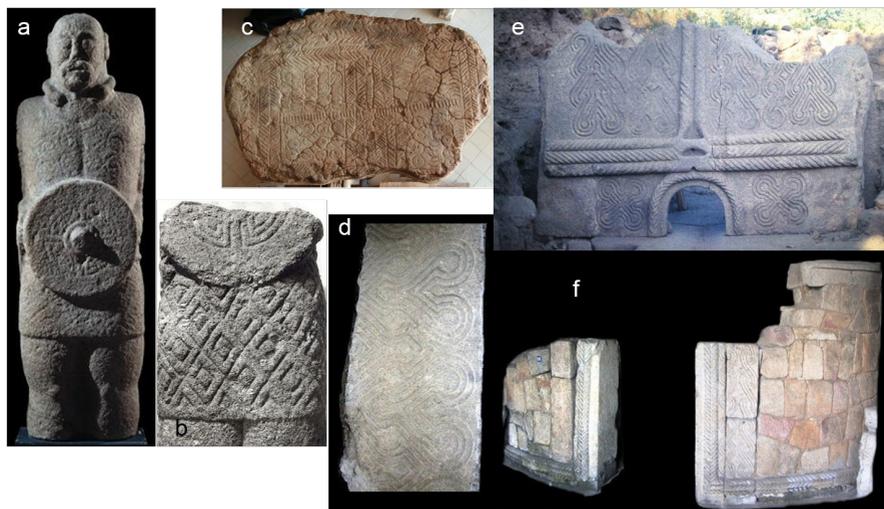


Figura 3. Elementos decorativos castrejos: a) estátua de guerreiro de Lezenho (@DGPC); b) estátua de guerreiro de Cendufe (@DGPC); c) pavimento do Castro Máximo (@MDDS); d) lintel de Vermoim (@SMS); e) pedra formosa do Castro das Eiras (@Henrique Matos); f) porta do Castro de Sabroso (@SMS).

As *caetrae*: moedas romanas, símbolos indígenas

Parece-nos, portanto, bastante interessante analisar as emissões das *caetrae* a partir de uma apreciação comparada entre os *signa* nela presentes e o conjunto de expressões artísticas dos povoados inseridos no mundo castrejo do noroeste peninsular. A sua reverberação transregional permite

o seu enquadramento num campo cultural e identitário mais amplo, dentre o qual o símbolo gravado nas moedas representa um escudo característico daqueles povos.

Os ases com busto esbelto

Trata-se de uma emissão que apresenta, no reverso, apenas a *caetra*, cuja forma e detalhes vão de encontro com as estátuas de guerreiros galaicos cuja superfície de granito se encontra bem preservada, permitindo a identificação de detalhes dos talhes dos adereços.

A decoração, aspeto que verdadeiramente caracteriza esses escudos e efetivamente individualiza-o, constitui um modelo que reverbera com grande qualidade e alguma homogeneidade entre os mais diversos suportes físicos, como as moedas, as estátuas ou mesmo a um friso que decorava o grande santuário da cidade samnita de Pietrabbondante (Figura 4), em Melise, Itália (DAI Rom Inst. Neg. 75.2648; Polito, 2012).

Os ases com busto bárbaro/tosco

Para além da diferença na qualidade da imagem do busto no anverso, característica que distingue essa cunhagem da anterior, no reverso a representação da *caetra* apresenta uma ligeira distinção, sendo possível identificar um elemento circular que envolve o escudo.

Um paralelo que parece particularmente significativo acerca desse elemento é uma das métopas de um friso dórico em mármore lunense proveniente de um recinto funerário implantado junto à *Via Flaminia* (Figura 4), em Roma (DAI Rom Inst. Neg. 29.141; Polito, 2012). Contudo, acreditamos que, dada as pequenas dimensões das moedas, recorreu-se a uma forma simplificada desse elemento com recurso a um cordado, trançado ou mesmo linhas radiadas que permitissem dar o destaque desejado ao escudo. Aproximando-se, desta forma, aos motivos geométricos e ondulados que recorrentemente aparecem associados às ombreiras, lintéis, pavimentos e pedras formosas dos povoados castrejos.



Figura 4. Friso de Pietrabbondante (esq.); friso da Via Flaminia (dir.) (©DAI).

Os *dupondii*

No que toca aos *dupondii*, não há variações nas representações do anverso. Mas, efetivamente, é a emissão que apresenta uma construção imagética mais elaborada, no reverso. Junto à *caetra* aparecem cunhadas algumas armas: do lado esquerdo, um punhal ou adaga, dada as pequenas dimensões; do lado direito, uma espada com a lâmina em forma triangular, uma falcata, e ao centro, transpassando o meio do escudo, duas lanças, eventualmente duas *soliferrea*, um tipo de lança utilizada pelos povos ibéricos feita exclusivamente em ferro.

Diversos investigadores têm interpretado essa emissão como a conquista dos *spolia* das Guerras Cantábricas pelos romanos, ou a subjugação dos povos do noroeste ibérico à Roma, como “um símbolo de sua submissão a Roma, como uma forma de comemorar a vitória da própria Roma de Augusto sobre os insurgentes hispanos do norte” (Sagredo San Eustaquio, 1992).

Contudo, propomos aqui uma leitura diferente. Os mecanismos de representação de conquista de territórios nas cunhagens romanas, em época augustana, são deveras distintos daqueles apresentados nas *caetrae*. Por exemplo, a vitória sobre a *Armenia* ou o *Aegypto* foi retratada em *denarii* e *aurei* que apresentavam a fórmula *Armenia capta* e *Aegypto capta*, acompanhados ora de símbolos locais, como o crocodilo e o hipopótamo, associados ao Nilo, ou a tiara arménia e um par de aljavas com flechas, ou, ainda, a deusa *Victoria* a domar um touro (RIC I 275a; 275b; 513; 514; 515; 516; 544; 545)⁷. Trata-se, portanto, de uma linguagem bem definida, onde símbolos locais, por vezes *ativamente* subjugados por Roma, aparecem acompanhados de uma inscrição do local *capturado*.

Acreditamos que essa ação direta de captura não se encontra representada nos *dupondii* com a *caetra*. As lanças, ao centro, não parecem estar a romper o escudo, que está representado inteiro, e as armas ao lado

⁷RIC – Roman Imperial Coinage: Sutherland, C. (1923). **The Roman Imperial Coinage**, vol. 1 – 31 a.C. 69 d.C., Londres.

da *caetra* não se encontram em posição de “ataque” a ela. Não obstante, não nos parecem seguro afirmar que as armas apresentadas seriam verdadeiramente (ou exclusivamente) romanas.

Os sestertii

Por fim, os *sestertii*, à semelhança dos *dupondii*, não possuem variações a nível do anverso, enquanto no reverso, ao redor da *caetra*, estão representados uns elementos circulares. Até ao momento, não houve uma interpretação com profundidade acerca desses símbolos.

Parece-nos que a disposição (*dispositio*) dos círculos menores em relação ao maior, a *caetra*, e entre si, aparenta recorrer a princípios de ordenação (*ordenatio*), euritmia (*eurythmia*) e comensurabilidade (*symmetria*), o que poderia corresponder a elementos decorativos. No que toca ao tema, o padrão aproxima-se em grande medida àqueles que encontramos no pavimento identificado no Castro Máximo, ou, particularmente, em decorações estampilhadas gravadas em vasos de cerâmica da II Idade do Ferro, como esses provenientes do Castro de Santiago dos Arados (Figura 5), na região do Porto (MNA, inv^o 2003.109.7; 2003.109.11)⁸.



Figura 5. Cerâmica estampilhada do Castro de Santiago dos Arados (©MNA).

Considerações finais

Ao longo de séculos, muitos investigadores têm refletido sobre as cunhagens das *caetrae*, fornecendo um importante aporte historiográfico que se veio juntar a um crescente suporte arqueográfico, contributos deveras sig-

⁸Disponível em matriznet.dgpc.pt.

nificativos para a construção histórica e interpretativa desse material. Propomos aqui uma nova abordagem sobre essas emissões, que se distancia em grande medida às propostas realizadas até ao momento. Com efeito, tem-se analisado esse material sob a ótica imperialista e bélica romana, na qual essas moedas atuam, por um lado, como pagamento aos soldados das legiões que participaram das Guerras Cantábricas, e por outro, no que toca ao tema das cunhagens, um símbolo de subjugação e conquista de povos e territórios do noroeste da *Hispania*.

Em relação ao primeiro ponto, um dos principais objetivos para a cunhagem de moedas é, efetivamente, o pagamento dos soldados e a manutenção das tropas. Contudo, o baixo número de exemplares identificados, bem como o local de concentração de parte significativa dos objetos, não nos parece suficiente para assumir como a única justificativa para essas emissões. Era de se esperar, cremos, uma concentração mais impressionante desse numérico em centros urbanos como *Asturica Augusta* e *Legio*, ambas no *conuentus* asturicense, atualmente na província espanhola de Castilla e León, cuja fundação é reconhecidamente militar e onde a presença dessa população foi deveras elevada, como a documentação epigráfica tem documentado.

Por sua vez, a análise iconográfica dos reversos das emissões de *caetra*, também nos apresenta dúvidas em relação à interpretação que se tem vindo a ser publicada. Como procuramos demonstrar, os símbolos gravados nesses objetos não parecem ter um significativo estritamente associado a conquista ou dominação, esses temas, em suportes numismáticos à época de Augusto, apresentam uma linguagem distinta e, em particular, uma fórmula bem determinada, na qual se verifica o termo *capta*. Em contrapartida, os diversos *signa* gravados nessas emissões parecem buscar um diálogo com as populações indígenas do noroeste, a partir da veiculação de símbolos culturalmente associados a esses povos.

A análise e interpretação dessas moedas sempre apresentaram grandes dificuldades a numismatas, historiadores e arqueólogos. Desde logo, tanto no anverso, como no reverso, os silêncios e as ausências foram alvo de estudos muito mais do que aquilo que efetivamente se encontra nas emissões. A cronologia dessas cunhagens, atribuída a partir da legenda *IMP AVG DIVI F*, tem o seu *terminus ante quem* associado à falta da *tribunicia potestas*, título recebido por Augusto em 23 a.C.. Já no que toca à autoria dessas moedas, a ausência de topónimos afasta a possibilidade de uma emissão

municipal, enquanto a falta do nome de um *legatus* revela que não se trata de uma emissão provincial (Santos Yanguas, 2003).

Face a tudo isso, acreditamos que essas cunhagens, cuja finalidade certamente para o uso das legiões durante as Guerras Cantábricas, apresentam no reverso um conjunto de símbolos associados às comunidades indígenas do noroeste, cujo objetivo seria, ao mesmo tempo, promover a monetização dessa população, como forma de integração económica, mas também cultural, à esfera de atuação de Roma. Apesar das moedas não serem completamente desconhecidas ao noroeste durante a II Idade do Ferro, visto que foram identificados em alguns povoados numerosos tesouros constituídos por denários cunhados entre os séculos III e I a.C. (Centeno, 1987), as comunidades indígenas não se encontravam definitivamente monetizadas, isto é, as moedas não constituíam, de forma plena, o sistema comercial, devendo estar restrita a grandes compras ou vendas, presumivelmente externas, conservando para as ações comerciais diárias o escambo e a troca.

Com efeito, os recentes estudos acerca das ações romanas no noroeste ibérico, uma vez terminadas as Guerras Cantábricas, têm apontado para diversos mecanismos que visavam a integração daqueles territórios e das comunidades indígenas aos diferentes planos de ação romanos, dentre os quais apresentamos a implantação de um sistema administrativo conventual ainda no período augustano, a construção de cidades *ex nouo* para a capitalidade desses *conuentus*, a implantação de um sistema viário terrestre, em associação às rotas fluviais e a consolidação do transporte marítimo ao longo do século I, e, ainda, o estabelecimento de relações de *patrocinium* e *amicitia* com diversas tribos locais (Dopico Caínzos e Santos Yanguas, 2017; Martins e Magalhães, 2021). Esse conjunto de fatores parece ter impulsionado a constituição de uma região do Império que, apesar de conservar, em grande medida, traços culturais locais, integrou-se, já nas primeiras gerações, às esferas políticas, económicas e sociais que compunham a rede imperial.

Referências bibliográficas

- Borrell, H. (1845). Restitution a Cnossus de Crète de quelques médailles attribuées a Carthago-Nova, *Revue Numismatique*, pp. 340-344.
- Caamaño Gesto, J. (1979). Aportaciones al estudio de las monedas de la Caetra: Las monedas de la colección Blanco Cicerón (La Coruña), *Boletín Auriense*, IX, pp. 67-76.
- Calo Lourido, F. (1994). *Plástica da Cultura Castrexa Galego-Portuguesa*, A Coruña.

- Carreras Monfort, C. e Morais, R. (2012). The Atlantic Roman trade during the Principate: new evidence from the western façade, **Oxford Journal of Archaeology**, 31, pp. 419-441.
- Cavada Nieto, M. (2004). Numismática romana en la provincia de Lugo, **Boletín do museo provincial de Lugo**, Lugo, pp. 41-65.
- Cavada Nieto, M. e Villanueva Acuña, M. (2001). El Edicto de Bembibre y las reformas administrativas de Augusto en el noroeste, in **El bronce de Bembibre. Un edicto del emperador Augusto**, León, pp. 129-134.
- Centeno, R. (1987). **Circulação monetária no Noroeste de Hispânia até 192**, Porto.
- Centeno, R. (2010). Um novo sestércio de Augusto com caetra no reverso, aparecido em Braga, in Morais, R. (ed.) **Bracara Augusta**, Braga, pp. 171-173.
- Cruz, G. (2015). O surgimento do espaço urbano no Noroeste da Ibéria. Uma reflexão sobre os oppida pré-romanos, in Martínez Peñín, R. e Caverro Dominguéz, G. (eds.), **Evolución de los espacios urbanos y sus territorios en el Noroeste de la Península Ibérica**, Leon, pp. 403-414.
- Delgado, A. (1876). **Clasificación de las medallas autónomas de España**. Vol. III. Sevilla.
- Dopico Caínzos, D. (2016). Os inícios da urbanización no Noroeste: as capitales conventuais, in Dopico Caínzos, D. e Villanueva Acuña, M. (eds.), **Clausus est lanus. Augusto e a transformación do noroeste hispano**, Lugo, pp. 259-284.
- Dopico Caínzos, D. e Santos Yanguas, J. (2017). Augusto y el Noroeste de Hispania: la acción del emperador y las comunidades indígenas, **Gerión**, 35, pp. 707-721.
- Du Mersan, M. (1846). Observations sur les médailles attribuées a Carthago Nova et restitution de plusieurs a Saguntum, **Revue Numismatique**, pp. 5-19.
- Ferrer Sierra, S. (1996). El posible origen campamental de Lucus Augusti a la luz de las monedas de la caetra y su problemática, in Rodríguez Colmenero (coord.), **Lucus Augusti, I. El amanecer de una ciudad**, A Coruña, pp. 425-446.
- Ferrer Sierra, S. (2006). Lvcvs Avgvsti (Lugo). Catálogo abreviado de monedas, in García Bellido, M. (coord.), **Los campamentos romanos en Hispania (27 a. C.-198 d. C.)**, Madrid, pp. 78-90.
- Florez, P. (1757). **Medallas de las Colonias, Municipios y Pueblos Antiguos de España**, Madrid.
- González Ruibal, A. (2004) Artistic expression and material culture in celtic Callaecia, **E-keltoi**, 6, pp. 113-166.
- González Ruibal, A. (2006-07). **Galaicos, poder y comunidad en el Noroeste de la Península Ibérica (1200 a.C.-50 d.C.)**, A Coruña.
- González Ruibal, A. (2012). The politics of identity: Ethnicity and the economy of power in Iron Age northwestern Iberia, in Cifani, A. e Stoddart, S. (eds.), **Ethnicity and landscape in the ancient Mediterranean**, Oxford, pp. 245-266.
- Lemos, F. (2009). A cultura castreja no Minho. Espaço nuclear dos grandes povoados proto-históricos do Noroeste peninsular, In **Minho. Traços de Identidade**, Braga, pp. 122-213.
- Martins, M. (1990) **O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado**, Cadernos de Arqueologia 5, Braga.
- Martins, M. e Magalhães, F. (2021). O NO da Península Ibérica entre os séculos II/I a.C. e o século I d.C.: identidades e poderes em mudança, In Dopico Caínzos, D.

- e Villanueva Acuña, M. (eds.), **Aut oppressi serviunt... La intervención de Roma en las comunidades indígenas**, Lugo, pp. 117-144.
- Núñez Meneses, P. (2014) La moneda lucense de la caetra, **OMNI**, 8, pp. 92-117.
- Paz Bernardo, J. (2002). Moedas galegas, in **Pontevedra**, Pontevedra, pp. 13-36.
- Pérez González, C., Illaregui Gómez, E. e Morillo Cerdán, A. (1995). Reflexiones sobre las monedas de la caetra procedentes de Herrera de Pisuerga (Palencia), in García-Bellido, M. e Centeno, R. (eds.), **La moneda hispánica, ciudad y territorio**, Madrid, pp. 199-206.
- Polito, E. (2012) Augustan triumphal iconography and the Cantabrian Wars: some remarks on round shields and spearheads depicted on monuments from the Iberian Peninsula and Italy, **Archivo Español de Arqueología**, 85, pp. 141-148.
- Richardson, J. (1986). **Hispaniae, Spain and the Development of Roman Imperialism**, Cambridge University Press.
- Rocha, D. (2017). **O Castro Máximo: contributo para o estudo do povoamento proto-histórico da região de Braga**, Dissertação de mestrado, Universidade do Minho. Braga.
- Sagredo San Eustaquio, L. (1992). Distribución de los ejemplares de bronce de la caetra, in Actas VIII Congreso Nacional de Numismática, Avilés, pp. 503-549.
- Santos Yanguas, N. (2003). Las acuñaciones monetales de Publio Carisio, legado de Augusto en Lusitania, y la conquista romana del N.O. peninsular, **Aquila Legionis**, 4, pp. 165-187.
- Silva, L. (2013). **Viriathus and the Lusitanian Resistance to Rome**, Pennsylvania.
- Sutherland, C. (1971). **The Romans in Spain, 217 B.C. to A.D. 117**, London.
- Villaronga, L. (1970). Emisión monetaria augustea con escudo atribuible a P. Carisio y a la zona norte de Hispania, in **Actas XI. C.N.A.**, Zaragoza, pp. 591-600.
- Villaronga, L. (1979). **Numismática Antigua de Hispania**, Barcelona.

INSTRUÇÃO AOS AUTORES

A **Revista Numismática Brasileira – RNB** é publicação semestral e destina-se à divulgação de trabalhos científicos de pesquisa contemplando áreas relativas ao estudo da Numismática.

ENVIO:

Os artigos deverão ser enviados exclusivamente ao correio eletrônico: **snb@snb.org.br** com cópia ao Editor Oswaldo M. Rodrigues Jr.: **oswrod1@hotmail.com**.

Obs. Os trabalhos apresentados não poderão ter sido enviados simultaneamente a outro periódico para publicação. Artigos já publicados anteriormente em outros formatos, serão aceitos desde que adaptados aos padrões da revista e indicados onde foi publicado.

FORMATO:

A extensão máxima permitida é de até 20 páginas digitadas em processador de texto, em tamanho A4, margens de 2cm, espaço duplo, fonte Times New Roman, tamanho 12.

Os manuscritos podem ser redigidos em português, espanhol ou inglês.

Os textos enviados em idioma inglês podem ocasionar custos adicionais para a tradução e revisão, os quais correm por conta do/s autores que devem aprovar estes gastos apresentados pela Revista. Cabe ao Comitê Editorial opinar pela publicação em inglês.

A primeira página do manuscrito constará de:

- a) Título do trabalho em português (ou espanhol) e inglês
- b) Nome do/s autor/es e designação institucional ou Entidades Numismáticas em que é associado
- c) Autor para correspondência e contato (E-mail, endereço, telefone).

Na sequência deve vir um resumo de no máximo 200 palavras, em português (ou espanhol) e em inglês. Abaixo do resumo devem constar quatro ou cinco palavras-chave em português (ou espanhol) e em inglês.

A seguir, o trabalho deverá ter uma Introdução, o conteúdo do trabalho, a Conclusão e Referências Bibliográficas. (Deixamos em aberto outras seções a critério do autor como: Método, Resultados, Discussão, Agradecimentos e financiamento para a realização do estudo).

As ilustrações (fotografias, diagramas, tabelas, desenhos), devem ser entregues no final do artigo, no mesmo arquivo, em forma consecutiva bem como a marcação no texto indicando o lugar de inserção. As fotos e ilustrações quando não for do autor, deverá indicar seu crédito ou referência.

Poderá ser utilizado notas de rodapé para explicações, devendo estar numeradas no corpo do texto.

RECEBIMENTO E AVALIAÇÃO

Após o recebimento do artigo, o Comitê Editorial avalia se está de acordo com os critérios e objetivos editoriais da revista. Considerando as avaliações, o Editor comunicará ao autor designado que pode ser: 1) rejeição do manuscrito; 2) Aceitação do manuscrito; 3) Aceitação com a solicitação de que se realizem as modificações sugeridas pelo Comitê Editorial.

Após a aceitação o artigo será diagramado nos padrões da Revista e o autor receberá o artigo para avaliação e sua aprovação para publicação.

Ao enviar o artigo para a RNB, o autor autoriza e aceita a transferência de direitos de publicação para a revista, bem como o regulamento de publicações, portanto, das responsabilidades de autoria, originalidade, confidencialidade e identificação de créditos e autorizações.

Situações fora das especificadas nas normas, deverão ser comunicadas previamente.



Rua 24 de Maio, 247 - 2º andar - São Paulo - Brasil - CEP 01041-001
Site: www.snb.org.br | email: snb@snb.org.br

